

A EXPERIÊNCIA DADA PELA MEMÓRIA: OS CUS DE JUDAS E O SKAZ DO IMPÉRIO DERROTADO

Ronan Simioni¹

Resumo: Inserido no conjunto da produção ficcional de António Lobo Antunes representativo do período de guerras nas colônias portuguesas em África, *Os Cus de Judas*, dada sua estrutura narrativa, pode ser visto como um bem acabado exemplo de articulação textual que consegue expor de forma simultânea ações que transcorrem em um plano “universal” e outro “individual”. Assim, a forma de Skaz empregada pelo autor português propicia a manifestação dessas duas esferas, que na concepção de Fredric Jameson (2007) caracterizam os contornos pós-modernos do romance histórico. Além disso, a rememoração do protagonista da trama, que se coloca como testemunha direta das experiências narradas, já demonstra o início da formação de uma consciência questionadora da validade em se lutar por um regime antidemocrático e atrasado economicamente como foi o estatismo orgânico instaurado nos anos do governo salazarista. Logo, demonstrar como o aspecto formal do romance funciona como vetor da transmissão de uma experiência particular diretamente inserida em outra coletiva, e como essa experiência demonstra o declínio do “império lusitano”, apresentam-se como as principais preocupações da presente análise.

Palavras-Chave: Lobo Antunes. Memória. Romance Histórico.

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Endereço eletrônico: ronan.simioni@hotmail.com.

THE EXPERIENCE GIVEN BY THE MEMORY: *OS CUS DE JUDAS* AND THE SKAZ OF THE DEFEATED EMPIRE

Abstract: Inserted in the António Lobo Antunes' works that represent the period of wars in the Portuguese colonies in Africa, *Os Cus de Judas*, considering its narrative structure, can be seen as a well-rounded example of textual articulation that can expose simultaneously actions located both in a "universal" and "individual" plans. So, the skaz form employed by Portuguese author provides the exercise of these two spheres, which in the design of Fredric Jameson (2007) characterize the postmodern contours of the historical novel. In addition, the recollection of the protagonist of the plot, which arises as a direct witness to the narrated experiences, already shows the early formation of a questioning awareness of the validity in fighting for an anti-democratic and backward regime economically as was the organic statism established in years Salazar's government. So, to demonstrate how the formal aspect of the novel works as a vector of transmission of a particular experience directly inserted into another collective, and how this experience shows the decline of the "Lusitanian Empire", appear as the main concerns of this analysis.

Keywords: Historical Novel. Lobo Antunes. Memory.

Refiguração e configuração

"Foi há seis anos e perturbo-me ainda", conta o médico e ex-combatente à sua interlocutora. O diálogo, ou monólogo, que dá forma ao romance *Os Cus de Judas* se passa no período entre o início e o fim da madrugada de um dia não demarcado, na qual o narrador descreve, entre uma dose e outra de *whisky*, suas experiências vividas nos vinte e sete meses em que esteve a serviço das tropas de seu país na luta contra os movimentos de independência angolanos. A sem-

pre silenciosa ouvinte, cuja presença é percebida apenas por alguns indícios da própria fala do ex-militar, representa, principalmente, a possibilidade de tal relato poder ser feito pelo homem que reivindica para si certo grau de autenticidade em relação aos episódios descritos:

O que de certo modo irremediavelmente nos separa é que você leu nos jornais os nomes dos militares defuntos, e eu partilhei com eles a salada de frutas da ração de combate e vi soldarem-lhes os caixões na arrecadação da companhia, entre caixotes de munições e capacetes ferrugentos (ANTUNES, 2003, p. 172).

Além da imagem trágica representada pela lembrança dos “militares defuntos”, algo bem ilustrativo do cenário de guerra, a fala do “doutor tenente” colocando-se como sujeito que viveu de perto o trauma do conflito armado representa um bem delineado exemplo da manifestação daquilo que Roland Barthes chamou de “efeito de real”. Isso se deve também em grande parte pelo tipo de forma textual em primeira pessoa apropriada por Lobo Antunes, cuja definição mais detalhada pode ser encontrada na leitura de David Lodge, crítico e romancista inglês que se apropria do termo russo *skaz* para designar o tipo de história na qual:

O narrador é um personagem que se refere a si mesmo como ‘eu’ e trata o leitor por “você”. Ele (ou ela) usa o vocabulário e a sintaxe típicos da língua falada e dá a impressão de estar fazendo um relato espontâneo da história em vez de nos apresentar um registro escrito elaborado com toda a atenção e cuidado. Somos mais ouvintes do que leitores. Desnecessário dizer, isso é apenas ilusão, o resultado de um esforço calculado e de reescrita minuciosa por parte do autor “real”. Um estilo narrativo que imitasse conversas reais com toda a perfeição seria quase impossível de entender, como acontece às transcrições de conversas gravadas. Mas essa ilusão tem o efeito poderoso de parecer autêntica e sincera, de parecer verdade (LODGE, 2011, p. 28).

Não hesitamos em concordar com Lodge que, a respeito de *Os Cus de Judas*, somos levados à condição que se aproxima a de ouvintes de uma história, guardando apenas a diferença de que, ao invés de um tratamento direto ao leitor, é a mulher silenciosa quem se apresenta como interlocutora do narrador. Não duvidamos também do fato de que todo processo de escrita, ficcional ou não, também depende de um deliberado ato de escolhas por parte de quem escreve. Mas, ao nos debruçarmos sobre a experiência do próprio Lobo Antunes — não por acaso também médico do exército de Portugal atuante no conflito armado da descolonização de Angola, repetir as palavras do autor de *A Arte da Ficção* para definir o romance do escritor português como “apenas ilusão” representaria um grave engano. Afirmar isso implica também admitirmos que a identificação da forma de *skaz* não basta por si própria para buscar uma compreensão mais próxima de uma totalidade da problemática posta pelo escritor português em sua narrativa-relato.

Essa constatação pode representar, muito além disso, o encontro de uma das etapas da tríplice mimese, divisão do ato de narrar que constitui um dos principais argumentos de Paul Ricoeur (1994). Como bem nos ensina o autor de *Tempo e Narrativa*, a configuração textual, ou tessitura da intriga, obedece a um caráter temporalmente determinado, dividido em três etapas, ou seja, o tempo “prefigurado” — mais próximo da experiência prática — que por sua vez é “refigurado” na narração e “configurado” na forma de discurso utilizada. Ao campo da configuração, também visto por Ricoeur como segundo estágio da mimese, cabe, sobretudo o papel de mediação entre os outros dois correlatos miméticos.

Assim, temos em *Os Cus de Judas*, apesar da configuração em forma de *skaz*, a refiguração de eventos que impuseram profundas marcas registradas não apenas via ficção, mas principalmente através do “compromisso com a verdade” próprio do discurso historiográfico. O ônus de assumir uma posição dessa natureza faz com que nos preocupemos

em viabilizar uma apropriação do texto de Lobo Antunes que conceda certo teor de credibilidade ao alcoólatra narrador, que convive com os traumas das lembranças dos campos de guerra.

Logo, o caráter testemunhal atrelado à memória do personagem pode servir como álibi de sua credibilidade, algo reforçado se nos atermos a como a forma na qual o relato é construído pode ser portadora de indícios garantidores de sua condição de sujeito capaz de transmitir certa experiência. Dessa forma, nos interessa primeiro a análise de “como” essa experiência é transmitida para, após isso, melhor situá-la historicamente.

Tempos entrecruzados

As páginas iniciais do romance de Lobo Antunes evocam a lembrança de um tempo e lugar já distanciados da atual realidade do narrador. O ringue de patinação e os animais presentes no jardim zoológico, marcas indelévels da infância do personagem apresentadas em uma espécie de fluxo de sua consciência, logo se somam com a descrição de objetos e pessoas que habitaram a casa dos pais do futuro médico e militar. Quase que subitamente, o primeiro capítulo do romance se encerra já com a ida do agora combatente para Angola em “um navio cheio de tropas, para tornar-me finalmente homem” (2003, p. 16).

A contar não apenas pela presença de rápidas trocas de cenários, mas também por não existir uma rígida sequência cronológica no relato, vemos de certa forma rasurado aquilo que seria o tempo “prefigurado” entendido na acepção dada por Paul Ricoeur, já que no relato narrado não encontramos apenas um desses momentos, mas sim todo um conjunto de episódios passados que misturam-se na lembrança do narrador. Rememorações essas que, em várias passagens do texto aparecem praticamente nos mesmos encadeamentos frasais:

A masturbação era a nossa ginástica diária, êmbolos encolhidos nos lençóis gelados à maneira de fetos idosos que nenhum útero desinvernaria, enquanto, lá fora, os pinheiros e a névoa se confundiam numa trama inextrincável de sussurros húmidos, sobrepondo à noite a noite pegajosa de seus troncos, açucarados do algodão de feira popular de bruma. Como em pequeno na Praia das Maças, percebe, em fim de setembro quando deitávamos e o corpo se assemelhava a uma sementinha perdida no colchão enorme, enrugada, trêmula, agitando os filamentos peludos dos membros em espasmos assustados pelo som do mar lá embaixo (ANTUNES, 2003, p. 18).

A lembrança da masturbação, algo frequente nas noites no campo de batalha, em meio a “lençóis gelados”, logo é atravessada pela memória desse ato em um tempo de infância vivido ao redor de uma paisagem altamente contrastante com a noite úmida e pegajosa de Angola. Essa comparação entre diferentes temporalidades, no entanto, ao invés de advogar contra a verossimilhança do relato parece, de fato, a potencializar.

Podemos começar a defesa desse argumento nos apropriando da bem formulada ideia de Fredric Jameson (2007) acerca do romance histórico, mais especificamente das mudanças nos contornos desse gênero em tempos pós-modernos. Na esteira da análise do autor, somos informados de que o principal desdobramento dessa tipologia na atualidade consiste em não ser mais apenas definida por sua representação de costumes e valores de determinado povo ou o retrato de figuras e eventos históricos grandiosos, mesmo que estas possam estar presentes no âmbito da narrativa. Existe, de fato, a necessidade de organizar a representação de tais questões em torno de dois planos: “um plano público ou histórico (definido seja por costumes, eventos, crises ou líderes) e um plano individual ou existencial, representado por aquela categoria narrativa que chamamos de personagem” (JAMESON, 2007, p. 192).

Jameson localiza o por ele chamado de “centro de gravidade” do romance histórico não necessariamente nas vivências, observações, alegrias e sofrimentos — ou seja, na psicologia do personagem — mas sim na “habilidade e engenhosidade” que estas se organizam em torno do plano público. No caso do romance do escritor português, não hesitamos em afirmar que essas questões da *psique* do narrador apresentam-se como indispensáveis para chegarmos até a condição histórica do *skaz* apresentado por sua voz, testemunha daquilo que o teórico estadunidense classifica como evento axial². Tal fato, conseqüentemente, pode ilustrar a proximidade do real e do ficcional valendo-se, para isso, do papel da rememoração, categoria também analisada por Paul Ricoeur e aqui portadora de um papel fundamental.

Em *A Memória, a História e o Esquecimento*, Ricoeur constrói sua fenomenologia da memória em torno de dois aspectos basilares: *De que há lembrança* e *De quem é a memória*. Se a proximidade do romance de Lobo Antunes com o modelo de narrativa histórica alude diretamente ao primeiro dos postulados do filósofo francês, contribuindo assim para a intersecção entre os planos individual e social, seguramente esse mesmo efeito de equilíbrio também é manifestado através da segunda categoria centrada no sujeito que se lembra de algo. Ricoeur parte dos termos *mneme* e *anamnesis* para designar respectivamente a lembrança que aparece passivamente, de um lado, e, de outro, aquela buscada sob o desígnio de uma recordação. Assim: “a lembrança, alternadamente encontrada e buscada situa-se no cruzamento de uma semântica e de uma pragmática. Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca dela” (RICOUER, 2012, p. 26).

Entre a *mneme* e *anamnesis*, semântica e pragmática, encontra-se a narração do médico egresso do conflito em

² Jameson cita Ricoeur para definir evento axial como aquele que serve de inaugurador de uma nova era, momento que servirá de ponto referencial para determinada etapa histórica.

Angola. Ao mesmo tempo em que este revela à sua companheira algumas lembranças do cenário de guerra, pragmaticamente pensadas, as memórias dos tempos de infância são encontradas mesmo sem serem buscadas. A “metamorfose” em militar vivida pelo personagem ainda em Portugal, ou o relato desta, bem espelha esse atravessamento:

Os relógios de cuco davam lugar a cornetas igualmente irritantes, a farda e a pele convergiam numa carapaça única de quitina militar, os cabelos rapados e as formaturas traziam-me à memória as colônias de férias da infância e seu cheiro a doce azedo de pouca água, feito de resignação vagamente indignada (ANTUNES, 2003, p. 18).

Tal indício bastaria para evidenciarmos o efeito de real propiciado por essa bem articulada relação entre “alma e mundo”, mas há a presença marcante em determinadas passagens do texto de Lobo Antunes que remetem a outro importante conceito basilar do uso da memória. Trata-se do caráter testemunhal também encontrado ao longo do romance, marca que além de contribuir ainda mais para nos orientarmos contra uma característica específica da técnica do *skaz* apontada por Lodge, mais exatamente a “apenas ilusão”, encaminha-nos a outro ponto que dialoga diretamente com a realidade de Portugal na década de setenta. É imperativo, primeiramente, voltarmos às páginas da narrativa.

No cu de Judas, oculto por uma farda de camuflado que me fornecia a aparência equívoca de um camaleão desiludido, adiava a minha partida para Estocolmo a bordo de um barco de papel impresso, para viajar de helicóptero, de balões de plasma entre joelhos, a recolher da mata os feridos das emboscadas, que sobreviventes estupefactos erguiam à maneira de corpos brandidos de naufragos. [...] Nunca as palavras me pareceram tão supérfluas como nesse tempo de cinza, desprovidas do sentido que me habituara a dar-lhes, privadas de peso, de timbre, de significa-

do, de cor, à medida que trabalhava o coto descascado de um membro ou reintroduzia na barriga os intestinos que sobravam, nunca os protestos me surgiram tão vãos, nunca os exílios jacobinos de Paris me afiguravam tão estúpidos (ANTUNES, 2003, p. 55-56).

Ao menos duas razões podem ser apontadas para justificar a transcrição do trecho acima. Primeiro, a desilusão, o sentimento de vacuidade em relação a uma causa que justifique a luta em território estrangeiro, algo manifestado pela nuance supérflua assumida pelo uso das palavras e reforçado pelo pessimismo anunciado através da pouca importância de ideais antes vistos em protestos populares, tanto os vividos pelo personagem, quanto os registrados nos livros de história. Segundo, o relato, embora breve, que nos fornece uma privilegiada visão de algumas das consequências do conflito armado, representados pela lembrança dos “cotos descascados de membros” ou a reintrodução de intestinos em estômagos dilacerados.

Mais uma vez nos apoiando em Paul Ricoeur, aqui podemos identificar a por ele chamada fórmula típica do testemunho, o “eu estava lá”. Isso graças a presença do triplo dêitico que pontua esse efeito de autodesignação: o tempo passado do verbo, a primeira pessoa do singular e a menção do lá. Via tais marcas linguísticas, podemos concordar com o autor pelo fato de que:

Esses tipos de asserções ligam o testemunho pontual a toda história de uma vida. “Ao mesmo tempo, a autodesignação faz aflorar a opacidade inextrincável de uma história pessoal que foi ela própria ‘enredada em histórias’ (RICOEUR, 2012, p. 173).

Difícil encontrar uma referência que melhor sirva para justificarmos como o testemunho erigido no *skaz* do narrador de *Os Cus de Judas*, portador de uma história enredada na história de seu país, constitui a síntese da dialética indivíduo-coletivo. E é essa, talvez, a principal formulação que confere o teor de credibilidade encontrado também via escrita ficcio-

nal e que permite partirmos para o entendimento de outro fator também delineado no romance. Trata-se da identificação, a partir da experiência do narrador, de alguns dos principais fatores políticos determinantes da falta de sentido em combater a favor de, como ele próprio diz, “um país atropalhado”.

Vinte e cinco meses de guerra nas tripas

A exposição dos horrores da guerra em África constitui, em termos das consequências imediatas para os sujeitos nela inseridos, o conjunto de descrições mais marcante encontrado nas cenas descritas no romance de Lobo Antunes. Porém, não somente tal ilustração basta para nos aproximarmos de uma visão mais ampla das condições de época que condicionaram a formatação das situações que vieram a desencadear o conflito nas então colônias portuguesas.

O Historiador Kenneth Maxwell (2006) recorda que Portugal foi a última nação europeia a aferrar-se à dominação direta de territórios africanos. Não por acaso, foi o arcaico sistema de governo, próprio do regime salazarista, uma das principais razões para a manutenção dessa relação, que além do desgaste econômico, também cobrou um preço pago em vidas humanas:

A intransigência na defesa do império, mesmo tendo certa lógica da perspectiva portuguesa só foi mantida a um custo altíssimo. Durante a década e meia em que a atenção do mundo esteve voltada para o sudeste asiático, travou-se uma luta mais renhida na África portuguesa. Em 1974, mais de um milhão de portugueses haviam prestado serviço militar no ultramar. Um de cada quatro homens adultos estava nas forças armadas. Na África, o exército português mobilizava quase 150 mil homens e ainda assim estava sendo derrotado na Guiné-Bissau, sofrendo graves pressões em Moçambique e se atolando em Angola (MAXWELL, 2006, p. 40).

O orçamento militar em Portugal, de acordo com os dados apontados por Maxwell, representava no ano de 1974 cerca de 7% do produto nacional bruto, porcentagem esta maior que a utilizada para os mesmos fins em países como os Estados Unidos e Inglaterra. Em comparação a renda *per capita* população civil, cerca de mil dólares, a despesa por militar não ultrapassava 63, 27 dólares, contando ainda com as deduções para fardamento, alimentação e serviços médicos. Em consequência, o exército português formava-se, novamente retomando as conclusões de Maxwell, quase sem unidades totalmente profissionais e com grande número de soldados analfabetos, mal treinados e indisciplinados, comandados por um corpo de oficiais rancorosamente apelidados de “brigada do reumático”, em virtude da elevada idade e distanciamento do combate visto nos membros do estado-maior, homens quase sempre recrutados nas classes superiores da sociedade portuguesa. De fato, as seguidas orgias e bebedeiras que o narrador de Lobo Antunes testemunha ou participa provavelmente não eram práticas afastadas das rotinas militares portuguesas no ultramar.

Entretanto, não são somente fatores econômicos e de desperdício de vidas que podemos apreender pela leitura do relato do médico-combatente, mas ainda a inconformidade com a parcela da sociedade lusitana que ajudava a manter o governo de inclinação fascista do país, por ele colericamente chamado de: “Estado de Sacristia que se cagava em nós” (2003, p. 151). Esse “nós” que se refere ao: “batalhão destróçado para defender o dinheiro das três ou quatro famílias que sustentam o regime” (ANTUNES, 2003, p. 151). Já em outro momento do texto, assim vemos mencionada, novamente, a elite política de Portugal:

[...] os senhores sérios e dignos de Lisboa que nos apunhalavam em Angola, os políticos os magistrados, os polícias os bufos, os bispos, os que ao som de hinos e discursos nos enxotavam para os navios de guerra e nos mandavam para África, nos mandavam

morrer em África e teciam à nossa volta melopeias sinistras de vampiros (ANTUNES, 2003, p. 184).

Forma-se uma crítica diretamente voltada ao Estado Corporativista estruturado no governo de Salazar que, contando principalmente com o apoio da igreja, membros de setores agrícolas, latifundiários e intelectuais de inclinação conservadora, mantinha o país em clara situação de atraso econômico. Kenneth Maxwell explica isto pela razão da constante aversão do presidente pela mudança, algo que ocasionou o confinamento português a padrões econômicos e sociais tradicionais, apegados à negação da industrialização por julgar esta “um arauto de conflitos de classe e problemas trabalhistas” (MAXWELL, 2006, p. 36). Assim, o Portugal de Salazar era “firmemente escorado contra o século XX, glorificando uma tradição folclórica e camponesa depurada” (2006, p. 36).

A situação só iria começar a mudar com os movimentos de abril de 1974, relacionados à Revolução dos Cravos, a descolonização dos países africanos e o início da redemocratização portuguesa. Mesmo assim, a queda do até pouco tempo atrás “império português” já é percebida no pensamento do personagem de Lobo Antunes, quando este se dá por conta de que a ideia de uma África portuguesa não passava de um “cenário de província a apodrecer na desmedida vastidão do espaço” (2003, p. 145) ou mesmo em uma de suas reflexões finais sobre lutar pela pátria de Salazar:

Trazíamos vinte e cinco meses de guerra nas tripas, vinte e cinco meses de comer merda, e beber merda, e lutar por merda, e adoecer por merda, e cair por merda, nas tripas, vinte e cinco intermináveis meses dolorosos e ridículos nas tripas (ANTUNES, 2003, p. 208).

A falta de lógica em se lutar pela causa de um país atrasado e longe daquilo que poderíamos chamar de um estado democrático. Parece ser esta, juntamente com a violência do cenário que abriga o conflito armado, a grande experi-

ência³ transmitida pelo *skaz*/testemunho da obra de Lobo Antunes, relato que adquire certa autenticidade pelo bem engendrado atravessamento de uma trajetória individual e coletiva. Tal equilíbrio parece garantido mesmo quando tomamos conhecimento do atual estado do narrador, a quem “a guerra tornara bicho”, mas que mesmo assim retorna não completamente silenciado pelos traumas vividos.

Referências

ANTUNES, António Lobo. Os cúis de Judas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LODGE, David. A arte da ficção. Porto Alegre: L &PM, 2011.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos Estudos*, n. 77, p. 185-203, mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101330020070001000098&script=sci_arttext>. Acesso em 26 mai. 2012.

MAXWELL, Kenneth. O império derrotado: revolução e contrarrevolução em Portugal. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

RICOUER, Paul. Tempo e narrativa (tomo I). Campinas: Papyrus, 1994.

RICOUER, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

[Recebido: 9 set. 2015 — Aceito: 8 nov. 2015]

³ Emprega-se esse termo em uma direção semelhante àquela dada por Walter Benjamin em *O narrador; considerações sobre a obra de Nicolau Leskov*.